

Os segredos do rio

Organizador

Josiley Souza

V
V V
V V
viva VOZ



Organizador
Josiley Souza

Os segredos do rio

v
v v
v v
viva voz

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2015

Diretora da Faculdade de Letras
Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretor
Rui Rothe-Neves

Comissão editorial
Elisa Amorim Vieira
Fábio Bonfim Duarte
Luis Alberto Brandão
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Maria Inês de Almeida
Reinildes Dias
Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico
Glória Campos – Mangá Ilustração e Design Gráfico

Preparação
Olívia Almeida

Diagramação
Lilian Martins

Revisão de provas
Laila Silva

ISBN
978-85-7758-252-5 (impresso)
978-85-7758-251-8 (digital)

Endereço para correspondência
Laboratório de Edição – FALE/UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3108
31270-901 – Belo Horizonte/MG
Tel.: (31) 3409-6072
e-mail: vivavozufmg@gmail.com
site: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Sumário

	9	Apresentação
Transcrições	17	História da Mãe d'Água
	25	O caso da Piragui
Transcrições	31	Piragui suburbana Ana Raposo
	35	Diário do vizinho Ana Raposo
	39	O desejo e a promessa Gustavo Tanus
	41	Mãe d'Água Sarah Grabe

- 45** **Criança morre em aldeia**
Sarah Grabe
- 47** **A justiça do homem na justiça da**
Mãe d'Água
Gustavo Tanus
- 49** **A promessa que não se cumpriu**
Sarah Grabe

Agradecemos ao professor Josiley de Souza pelos ensinamentos sobre edição de vídeos, pela contação das histórias, mais precisamente pelo conto, pelo canto, pelo encanto, inclusive por confiar a nós um dos segredos do rio. Agradecemos a Ridalvo Félix e Reinaldo Freitas por demonstrar que, se a cabeça dita o ritmo, permite a roda, ao inspirar o início da cantoria, ela também é capaz de possibilitar a construção de um sólido conhecimento científico.

Apresentação

Esta publicação é resultado de atividades desenvolvidas na disciplina “Edição de Textos Orais”, ministrada pela Prof.^a Sônia Queiroz, no curso de Bacharelado em Língua Portuguesa, com ênfase em Edição, na Faculdade de Letras da UFMG, no primeiro semestre de 2013.

Durante a disciplina, que envolveu abordagens acerca dos estudos sobre a oralidade, fui convidado para participar de uma performance como contador de histórias e, posteriormente, discutir questões que envolveram o registro em vídeo da performance e a edição das imagens.

As performances aconteceram em sala de aula. Sofia Robin, contadora de histórias e aluna de graduação em Letras da UFRGS em mobilidade acadêmica na UFMG, narrou “O caso da Piragui”. Essa narrativa integra a tradição oral dos índios Guarani e foi publicada por Olívio Jakupé, no livro *Verá, o contador de histórias*.

Por mim, foi contada a “A história da Mãe d’Água”. Esse conto oral, que possui ocorrências em diferentes regiões do Brasil, foi narrado a

partir de versão publicada por Ruth Guimarães, em *Lendas e fábulas do Brasil*, na década de 1960.

As performances foram registradas em vídeo com o uso de três câmeras. Pretendeu-se com isso registrar a cena de contação de histórias a partir de diferentes ângulos, na tentativa de buscar garantir no vídeo o dinamismo que envolve o ato de contar. Posteriormente, discutiu-se em sala, também com a participação do pesquisador Ridalvo Félix de Araújo, técnicas de edição de vídeo. A edição, em que se buscou articular os diferentes ângulos registrados nas câmeras, foi realizada com o uso do *software* Sony Vegas.

De modo geral, temos acesso aos contos orais por intermédio apenas do texto escrito ou, em publicações mais recentes, do texto escrito acompanhado de gravação sonora. Ausenta-se nesses registros a voz corporificada no ato da performance. Conforme observa Paul Zumthor, a performance é uma ação complexa que envolve um entrecruzamento de diferentes elementos – gestos do contador, reações do ouvinte, circunstâncias... –, que vai muito além das palavras oralizadas.¹

Ainda que não fosse possível registrar toda essa complexidade da performance – já que é difícil registrar e editar, de forma simultânea, por exemplo, as muitas reações da plateia que acabam por interferir

¹ ZUMTHOR. *Introdução à poesia oral*, p. 33.

na própria atuação do contador –, o uso do vídeo favoreceu uma maior apreensão dos diferentes elementos que envolvem o ato de contar histórias em relação a outras tecnologias de registro, como o texto escrito ou o gravador sonoro.

Ao lado do trabalho de registro e edição de vídeo, foram realizadas atividades de escrita, que envolveram a transcrição das histórias seguida de um exercício poético-tradutório de transcrição. O termo *transcrição* é tomado aqui a partir de Haroldo de Campos, que cunhou esse termo em diálogo com os estudos de Walter Benjamin sobre tradução de textos poéticos. Em suas reflexões, Haroldo de Campos observa que o processo tradutório de textos criativos envolve sempre recriação.² Assim, a tradução configura-se como exercício criativo – transcrição – “irmã gêmea da criação”, que cria caminho para que o texto, sobretudo o texto poético, possa transportar-se, habitar outros lugares, outras culturas.³

Nas transcrições presentes neste trabalho, as narrativas “A história da Mãe d’Água” e “O caso da Piragui” se transformaram, foram reconfiguradas pelo exercício poético dos autores que as reinscreveram, por exemplo, na forma de poema e diário. Com isso, as histórias seguem feito correnteza de rio pelo escrito, como que no ritmo das próprias narra-

² CAMPOS. *Metalinguagem e outras metas*, p. 35.

³ CAMPOS. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*, p. 23.

tivas de tradição oral. Como lembra Paul Zumthor, as tradições orais são a arte da movência. Segundo ele, com exceção de algumas formas míticas muito ritualizadas, as manifestações poéticas da tradição oral são moventes, caracterizadas por um intenso dinamismo.⁴

É interessante destacar que, ao apresentar-se como produto de uma disciplina da área de Letras, esta publicação suscita interessantes sugestões para o trabalho com textos e língua portuguesa em sala de aula, em diferentes níveis e contextos de ensino. Conforme observam pesquisadores como Bernard Schunewly e Joaquim Dolz, embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aula (afinal, somos, antes de escrever, seres da palavra oral), ainda há poucas abordagens que consideram o texto oral como objeto de ensino.⁵ Apesar de, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentarem a oralidade como um dos eixos para o ensino da língua portuguesa, muitas vezes o texto oral permanece à margem no trabalho com a língua.

Nesta publicação, a presença do registro em vídeo de uma performance de contação de histórias possibilitou que o texto oral fosse abordado como objeto de ensino em sua complexidade, considerando-se seu dinamismo corporal.

⁴ ZUMTHOR. Introdução à poesia oral, p. 264.

⁵ DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard (Org.). Gêneros orais e escritos na escola.

Cabe destacar também que a oralidade foi tomada em diálogo com a escrita, em que ambas compõem um livro que, por isso, deixa-se permear pelo movimento. Instaure-se, assim, uma perspectiva em que a oralidade se torna matéria de ensino, aprendizagem e reflexões na interface com o texto escrito, sem que se estabeleçam dicotomias ou oposições entre essas duas formas de linguagens e textualidades que se entrecruzam num *continuum* no cotidiano de nossas sociedades.

Desse modo, esta publicação traz importantes contribuições para que se pense e repense o ensino de língua portuguesa e o trabalho com textos escritos e orais. Por exemplo, no contexto da educação básica, desdobramentos de propostas nessa mesma perspectiva poderiam gerar a produção de um livro artesanal pelos alunos. Eles poderiam pesquisar histórias, preparar performances, gravá-las em vídeo (as tecnologias atuais permitem inúmeras formas de registro de modo simples, como o uso de um aparelho celular). Posteriormente, essas histórias contadas e registradas em vídeo poderiam ser transcritas e/ou transcritas por intermédio do texto escrito. A própria concepção do objeto livro poderia tornar-se tema de discussão em sala de aula. Há a possibilidade de que esse livro seja, como este, acompanhado de um DVD, ou dialogue em sua forma com a linguagem digital – os vídeos poderiam ser disponibilizados também em ambientes como o *Youtube*.

Além disso, é importante considerar que em trabalhos como este, coordenado pela Prof.^a Sônia Queiroz, os alunos deixam o lugar de apenas ouvintes ou leitores silenciosos e assumem posição de autoria; podem inscrever textos e histórias, seja por intermédio da performance ou das transcrições escritas. Aqui vale retomar Paul Zumthor: “o ouvinte faz parte da performance”.⁶

Desse modo, este é um livro cujos textos se tecem no entrecruzamento de vozes, corpos, escritas, textualidades e histórias.

Josiley Souza

Referências

CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa PiresFerreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

⁶ ZUMTHOR. *Introdução à poesia oral*, p. 255.

Transcrições

História da Mãe d'Água

Num lugar longe daqui, tinha assim um homem que ele era muito pobre, mas muito pobre, mas muito pobre. E ele vivia plantando umas rocinha, que tinha lá assim uns pezinhos de melancia, tinha umas melancias que era assim muito bonita que não era nada grandes coisas não. E aí o pé de melancia foi crescendo lá, as melancias crescendo, só que quando a melancia estava no ponto de ele apanhar, quando ele chegava lá, a melancia tinha desaparecido. Aí o senhor ficou preocupado com o negócio, com um negócio na cabeça assim ó: gente, será quem é que está roubando minhas melancia?

E a roça dele era assim perto de um rio. Não era o rio das Velhas, não, mas era um outro rio. E aí ele começou a pensar assim: "deve ser algum sem-vergonha, algum safado que passa lá de carro, e pega minhas melancia e leva embora, eu vô ficar lá e vou descobrir o que que é".

Aí ele foi lá pra detrás de uma moita lá, ficou escondido, e ficou lá a primeira noite observando quem que é que ia lá roubar as melancias. Ele ficou a noite toda lá escondido. Num pareceu ninguém. Aí na segunda noite foi pra lá de novo, escondeu atrás da moita, ficou ali olhando, olhando, olhando... aquele silêncio, num apareceu ninguém. Aí na terceira noite ele já tava desistindo assim:

– Ah, mas num vô perder esse sem-vergonha que está roubando minhas melancia.

Escondeu lá de novo, detrás da moita, ficou lá, aquele silêncio, aí, de repente, começou assim a ouvir um barulho. Aí, veio saindo, assim, lá de dentro do rio, uma mulher, mas uma mulher, assim, muito bonita, não era meio diferente, mas muito bonita, tinha um cabelo assim, batendo aqui, e o cabelo dela era verde e o olho dela assim parecia um olho de água ele olhou aquele negócio, aquela mulher bonita lá panhando as melancia e levando embora aí ele ficou bravo demais foi lá garrô a mulher firme e começou a gritar com a mulher:

– Ah, sua sem-vergonha então é ocê que fica roubando minhas melancia! Cê num vai roubar mais não, eu vô te levar lá pra casa!

E a mulher desesperada gritando:

– Não! Me solta, quero voltar pra casa!

E tá a mulher desesperada, e ele garrando forte, segurou forte.

– Não, cê é muito bonita e tá roubando minhas melancias! E agora cê vai tê que casá comigo.

E a mulher desesperada, e ele era muito forte. Cabô que ela desistiu de ficar ali desesperada, gritando e falou assim:

– Tá bom! Eu caso com cê.

Aí ele ficou animado, né? Já voltando pra casa ela falou assim ô:

– Só que tem uma condição. Eu caso com cê, mas nunca de jeito nenhum, cê pode arrenegar de gente de baixo d'água.

Aí ele olhô aquilo e prestô atenção naquilo que a mulher tinha falado, pôs sentido naquilo, aquela mulher bonita com aqueles cabelo verde:

– Não, de jeito nenhum, nunca vô falar mal de gente de baixo d'água. Vão lá pra casa que eu vô casá com cê.

Aí levô, aquela mulher, a Mãe d'Água. Levô ela lá pra casa dele. Quando foi no domingo, ele foi lá pra cidade casá. Aí que veio gente de tudo quanto é lado, onde ninguém nunca tinha visto uma mulher bonita, né, daquele jeito uma mulher alta, com um cabelo verde, com os olho assim com uma cor diferente, parecendo olho de água. Aí os dois se casaram.

E aí gente, depois que os dois se casaram e a vida desse homem, que era pobrezinho, mudou demais, cês nem imaginam! Ele tinha lá

assim uns pezinho de laranja, lá no fundo da rocinha assim, mas dava umas laranjinha pequenininha, parecendo limão. Depois que ele casou com a tal da Mãe d'Água, os pés de laranja ficou assim frondoso, era tanta laranja que tinha até que escorar o pé de laranja pra ele não tomar no chão. E foi só nascendo laranja. E os pés de melancias que eu falei pro cês, dava umas melancia assim pequenininha. Nossa, depois que ele casô com essa mulher, as melancia dobrô de tamanho, e dava cada melancia.

Vaca, que ele tinha lá uma vaquinha que não dava nada, começô a nascer bezerro, só bezerro formoso. E lá tudo quanto ele tinha plantado, o negócio foi triplicando, foi crescendo de tamanho.

Esse homem foi ganhando tanto dinheiro, foi fazendo negócio, foi vendendo coisa, vendendo vaca, vendendo melancia, e a situação mudou demais. Aí derrubou a casa, fez uma casa enorme, contratou um monte de empregado. Agora lá na casa dele, que antes não tinha nada, tinha tudo assim. Uma casinha assim de terra batida, agora tinha móveis, tinha joias. E aquela mulher bonita, e ele todo feliz.

E aí o tempo foi passando, e ele naquela felicidade. Só que depois de um tempo, a mulher assim que era estimosa, sempre tomou conta da casa, ela começou a ficar meio desleixada. Os menino que eles tinham lá, ficavam lá pelo chão afora, tudo sujo, com o nariz escorrendo. Ela num

tomava lá, num pede nada, largava tudo pra lá. E ela já num mandava empregado nenhum fazer nada. A casa começou a ficar suja, começou a ficar aquela bagunça. E esse homem, que era pobre e agora tava rico, começou a falar com a mulher:

– Ô mulher, por que você tá fazendo isso? Toma conta aí dos menino, da nossa casa.

E o tempo só passando, e aquela mulher cada dia mais desleixada, e aquele homem vai ficando com raiva daquilo, foi ficando sem paciência. Aí teve um dia que ele chegou em casa, mas tava tanta bagunça, mas tanta bagunça, que ele num guentô. Ele ficou bravo demais e deu o grito e falô assim:

– Ah, eu não quero saber mais desse povo de baixo d'água não. Eu arrengo de gente de baixo d'água!

Quando ele falô aquilo, a mulher, a Mãe d'Água, ela se levantô, começou a andar assim pra beira do rio. E começou a cantar uma música que era mais ou menos assim:

zão zão zão
Calunga
olha o mungueledô
Calunga
minha gente toda
Calunga

vamo embora
Calunga

Quando ela terminô de cantar aquilo, os empregado, o povo todo que trabalhava lá na casa, começou a sair da casa e acompanhar ela. E ela ficava assim na beirada do rio cantando, e o povo tudo entrando todo pro rio e ia sumindo dentro do rio. E veio atrás os empregados, os menino filho deles, foi entrando todo mundo pra dentro do rio. E ela lá na beira do rio, e continuava cantando:

zão zão zão
Calunga
olha o mungueledô
Calunga
meus bicho tudo
Calunga
vamo embora
Calunga

E aí os bicho começaram a ir também. Começou a ir vaca, e aí tinha lá ele tinha comprado também, umas cabra, e os bichos iam entrando tudo pra dentro do rio. Até um gatinho que os menino tinha, assim, um gatinho bonitinho acompanhou ela e pulou dentro do rio. E ela lá, na beirada do rio, cantando:

zão zão zão
Calunga
olha o mungueledô
Calunga
meus trem tudo
Calunga
vamo embora
Calunga

E agora começou ir atrás dela tudo que tinha dentro de casa: as joia, as louça, os móveis, tudo começou a ir acompanhando essa mulher e pularo dentro do rio. Até a casa, deu um pulo pra cima, e foi acompanhando ela e entrou dentro do rio. Depois que tudo né que tinha lá, que o coitado desse homem tinha acumulado, até as plantaço foram embora, as melancias foram tudo rolando pra dentro do rio, e ela lá cantando. Depois que tudo caiu dentro do rio, ela também foi entrando pra dentro do rio e desapareceu. O coitado do homem, dizem que tá até hoje lá, vivendo pobre, sem nada. Mas pelo menos hoje em dia ele tem lá uma plantaço pequena de melancia, e pelo menos a mulher, a tal da Mãe d'Água num vai lá mais pegar as melancia dele. E ele mora lá até hoje.

Transcrição de Gustavo Tanus, com a colaboração de Sarah Grabe, a partir de narrativa oral contada por Josiley Souza.

O caso da Piragui

Vocês vão ter que me desculpar, mas eu tô com muita dor de barriga, horrível. Uma dor de barriga assim daquelas que...

Gente, eu vim de ônibus e quase que eu não aguentava. Tive que sair correndo, vim correndo, desci correndo pra cá; e agora ainda achei que tinha passado mas não passou. E aí, quando eu tava assim, né, passando, sentei aqui relaxei um pouco e tudo, me lembrei de uma história que eu ouvi esses tempos que eu tava com a mesma dor de barriga assim quase morrendo lá em Porto Alegre. E aí, um amigo assim, encontrei ele na rua, o nome dele é Verá. Daí, ele me disse assim:

– Che, que tu tá, tu tá mal, que que tá acontecendo?

Daí eu:

– Ai, Verá tô com dor de barriga.

E ele:

– Nem te conto que que aconteceu a última vez que eu tive dor de barriga.

Aí ele me contô que há um tempo atrás a mulher dele, a Querechu, tava grávida, grávida assim barriguda. E ela tava toda hora com vontade de comê peixe, que é “pirá” em guarani. É que o Verá é guarani, ele mora lá em Porto Alegre numa aldeia na Lomba do Pinheiro. E “pirá”, em guarani, é peixe.

Aí ela:

– Ah, porque eu quero muito comê peixe.

Toda hora peixe, peixe, peixe.

Mas Porto Alegre não tem um rio perto, e não é a mesma coisa comprá um peixe no supermercado e comê o peixe pescado. Ela queria aquele peixe de verdade. Aí, não tinha. Ele teve que se desbancá lá pra não sei onde, pegá três ônibus, ir lá longe, achá, catá o tal do peixe que a Querechu queria comê.

E aí, ele ficou lá. Diz que ele pegou a sua vara de pescar, jogou no rio e ficô, ficô. E esperava, e nada de peixe, e nada de peixe. Passô uma hora, passô duas horas, passou três horas e nada.

Quando ele já tava assim: puto, de cara, dizendo “eu vô embora”, xingando, praguejando a vida que ele ia tê que se explicá ainda para a Querechu quando ele chegasse que não tinha nenhum peixe.

Ele começô a sentir uma coisa assim, um reboiço, um negócio um negócio, e ele se abaixou na beira do rio e fez cocô, se aliviou ali mesmo. Ele deu aquela respirada assim.

Quando ele tava indo embora, se levantou uma onda de uns sete metros. Imagina, um rio calminho, se levantô uma onda gigantesca. E do meio da onda saiu uma mulher maravilhosa, assim com uns cabelos longos, que era a Piragui. Mas ela era tão linda, e quase não dava pra vê a beleza do rosto dela de tão braba que ela tava. E chegô:

– Mas escuta aqui, Verá, qual é que é a tua? Tu chega no meu rio, fica aqui, joga essa vara aí, essa isca no meu rio sem me pedir permissão, ainda suja toda a minha água, vai embora, sem nem fazê menção de que tu ia conversa comigo, me pedir permissão. O que que tu quer?

Daí ele fico apavorado, falou:

– Não, calma, é por que a minha mulher tá muito desejosa de comer peixe, ela tá grávida, assim e assado, e depois fica aquela coisa, o nenê nasce com cara de peixe, eu não queria, aí eu me desesperei, ai desculpa!

E aí, ela falô assim:

– Tudo bem. Eu entendo que a tua situação é delicada, mas comigo as coisas não funcionam bem assim. Eu deixo tu levar daqui desse rio quantos peixes tu quiser, mas quando o nenê nascer a primeira coisa que tu vai me fazê é trazê ele aqui que ele vai sê meu.

E ele falô:

– Não, não, não se preocupe, o nenê nasce e eu trago aqui.

E aí ele ficô faceiro, levou um sacolão de peixe pra casa, chegô lá na aldeia todo mundo comeu peixe, Querechu comeu peixe, ficô faceira, ficô satisfeita.

E aí, dali um tempo nasceu o nenê e a aldeia fez uma festa gigantesca. Teve música, teve dança, teve um monte de coisa, e só quem não comemorava era o Verá, porque ele sabia que ele tinha que levá o nenê para Piragui.

E ele não tinha levado ainda, e foi passando o tempo. E ele não tinha coragem de pegá o nenê. E foi passando o tempo e ele foi ficando cada vez mais pensativo, mais deprimido, e aquela coisa.

Um dia ele tomou coragem, quando ele foi pegar o nenê... estava morto.

E aí ele ficô muito, muito perturbado, e tudo, e decidiu que daquele dia em diante ele ia ir de aldeia em aldeia avisando todo mundo que quem faz negócio com a Piragui tem que cumprir, e que mulher é melhor não querê peixe quando tá grávida pra não colocá seu marido em risco.

Ai, até passô agora, acho que eu já tô melhor, posso até me sentar.

Transcrições

Piragui suburbana

Ana Raposo

Devo me apresentar? Bom, eu sou a Piragui, né? E eu quero mais é que esta história fique registrada. Re-gis-tra-da, tá entendendo? Eu não aceito esse tipo de coisa aqui no meu rio, não. Tá anotando tudo? Eu vou começar outra vez, que é pra você ir anotando, e vê se não deixa escapar nenhum detalhe.

Bom, o que aconteceu é o seguinte: estava eu aqui no rio e chega um sujeito, um sujeito meio atrapalhado, meio bobo, que sentou aqui na beirada do rio e lançou sua vara de pescar. Eu já pensei comigo, bom, esse aí não tá sabendo o que se passa aqui nesse rio, peixe aqui no Tietê só lá pro interior. Já achei esquisito, mas fiquei observando ele. Chamava Verá, já falei? Tá anotando tudo?

Eu ouvi o Verá implorando por um peixe, choramingando baixinho. Coitadinho, até fiquei com dó. Tinha pensando em ajudar ele, chamar os peixes pra cá, mesmo correndo perigo, com esse tanto de poluição.

Agora, pensando nisso, fico com mais dó ainda. Esse homem tava tão desesperado, tão nervoso, que arriou as calças e se aliviou aqui mesmo, na beira do rio. Devia ter dado uma bela dor de barriga nele. Mas eu fiquei possessa. Como pode este homem, achando que vai pescar aqui pra esses lados do rio, defecar no meu rio, tá entendendo? Será que ele não sabe que sujeira já tem o suficiente aqui? Me levantei com toda a força que tenho e bradei: "Olha aqui, ô rapaz, qual é a sua, hein? Você joga sua vara aqui no meu rio, nem faz menção de me pedir permissão, olha que eu poderia até ajudar!, e ainda faz cocô, sem a menor vergonha, no rio?". Você devia ver a cara dele. Esse homem ficou branco, mas branco! Gaguejou, gaguejou até que me contou a situação: era a mulher dele, a Querechu, que tava grávida e tava com desejo de pirá. Mas aí contou que a dona dele queria peixe pescado e não comprado. Coisa de mulher grávida, né? E eu, que não posso ficar grávida, tratei de fazer um acordo com ele. Disse que dava o tanto de peixe que ele quisesse, se ele me desse o bebê assim que nascesse. Ele concordou e disse que era só o bebê nascer que voltava com ele. Ele foi embora meio apavorado, eu confesso. Mas, poxa, nem pra me pedir permissão?!

Acontece que o tempo passou e nada desse bebê aparecer. Eu fiquei ainda um tempo esperando, sabe? Achando que ele ia aparecer. E nada. Cada dia que passava eu ficava com mais e mais raiva. Sabe como

é, né? Esse Verá devia morar num lugar tranquilo, devia ter vida mansa. Agora, olha só eu, olha onde eu moro. Eu fico estressada, entende? Qualquer coisinha é motivo de raiva. E esse homem me fez raiva, ô se fez. Decidi matar o bebê. Ah, num ia ser meu mesmo.

Diz que o Verá anda por aí, de casa em casa, avisando as pessoas pra não fazer acordo comigo, espalhando calúnias sobre mim. Mas eu não ligo, não. O pessoal de baixo d'água me respeita, ninguém ousa falar nada sobre mim. Mas, agora, acho que quem se deu mal mesmo fui eu. Mulher fica grávida de novo, né não? E eu? Eu num fico. E foi só isso o que aconteceu.

E agora, como é que faz? Isso vai aparecer na TV? Você não vai me editar e deturpar o que eu tô te falando, não, né? Olha que você não sabe com quem tá mexendo!

Diário do vizinho

Ana Raposo

12 de julho de 2009

Tem dias que sonho com isso. Às vezes tenho certeza que a solidão é que me põe doido. Deito na rede, fecho os olhos e ainda consigo ouvir a música, sentir o cheiro da mulher de cabelo verde. Ela vem de mansinho, me fazendo lembrar o dia em que vi um mundaréu de gente sendo levada pra dentro d'água. Quer dizer, eu sou vizinho do João já tem muito tempo, sempre foi um sujeito bacana... Mas essa história da horta dele desenvolver assim, de uma hora pra outra é estranha. E agora ele sumiu. Ele e a mulher de cabelo verde. Minha vó dizia que os sonhos nos ajudam a compreender melhor as coisas, e é por isso que decidi anotar os meus nesse caderninho.

20 de julho de 2009

Hoje acordei no meio da noite, suando. É difícil dizer se eu ouço a música dentro ou fora da minha cabeça... Os olhos da mulher, cor de céu me perseguiam no sonho. Ela me laçou com os longos cabelos verdes, pedindo pra eu não contar nada do que vi para ninguém.

23 de julho de 2009

Consegui lembrar a música que ouvi no sonho. Bom, pelo menos um pedaço. Era assim:

zão zão zão Calunga
olha o munguelêdô, Calunga
minha gente toda, Calunga
vamo embora, Calunga

Inda é difícil juntar as peças do quebra-cabeça. Mas lembrei hoje que João enriqueceu rápido demais depois que casou com a dona... E era um faz menino daqui, faz menino dali, arruma empregado pra isso, arruma empregado pr'aquilo...

29 de julho de 2009

Sonhei com ela de novo. A diaba do cabelo verde. Eu preciso é arrumar mulher pra mim, eu não tô dando mais conta de viver assim. Tenho pensado em ir embora.

Antes de sumir, João tava resmungando de tal de gente de baixo d'água. As melancias dele também andavam bonitas demais, e ele sempre resmungava que roubavam elas.

04 de agosto de 2009

Hoje sonhei com ela de novo. Eu vou pro inferno mesmo, cobiçando mulher dos outros. Mas ela cantava pra mim no sonho, com uma voz tão linda... Cantava a mesma música que ouvi, naquele dia... Cantava assim:

zão zão zão Calunga
olha o munguelêdô, Calunga
meus trem tudo, Calunga
vamo embora, Calunga

07 de agosto de 2009

Vou-me embora daqui. Não aguento mais lembrar dessa história.

03 de abril de 2013

Muito tempo se passou, meu querido caderninho. Hoje não sonhei com o João nem com a diaba, mas encontrei um chegado lá da vila, de quando eu era vizinho do João, que me contou uma história engraçada, de um moço que reclamava que roubavam as melancias dele e que acabou casando com a Mãe d'Água. Só que ele se encheu dela e renegou ela toda. Bastou ele fazer isso pra ela levar tudo pra debaixo d'água. Falei com ele que isso era história de pescador, que um trem desse não era possível acontecer, não.

Mas no fundo ele sabe que eu sei. Talvez saiba até que eu vi, e só tava jogando um verde pra ver se eu confirmava. Eu fiquei é bem quietinho, porque agora quem tá casado com ela sou eu.

O desejo e a promessa

Gustavo Tanus

Um homem foi cumprir o desejo da mulher, que estava grávida, com vontade de comer peixe, e acabou tendo duas coisas, o que de imediato desejava pelo que deveras nunca desejasse. Não era a primeira vez que a mulher tinha desejo de gravidez, numa ela quis umas laranjas, logo na outra uma porção de goiaba, e, na terceira, quando quis peixe é que o homem se lascou. Caminhou até o fofo do terreno das minhocas, apanhou umas e seguiu rumo à beirada do rio. Preparou caniço, arremessou a linha dentro d'água e esperou, esperou. Não tendo êxito na fisgada, lhe deu uma dor de barriga danada de voltar, assim, sem nada, e ter que olhar a cara da mulher. Daí evacuou na água, até que Piragui apareceu dizendo: "Ei, moço, por que é que fez cocô na minha água? Pensa que vai sair daqui, como quem diz obrigado, pra eu lhe dizer de nada?". E o homem ficou deveras sem graça, e contou à Piragui o que é que tinha, pelo que não tinha. "É que preciso de peixe, pra aplacar a fúria de

fome da minha mulher grávida!”. Daí que a Piragui, que entendia das urgências e das necessidades, embalou um pacotinho de lambari, dizendo que quando a cria crescesse ele deveria trazê-la ali, para ficar com ela. Daí que o homem conseguiu obter aquilo que era desejo dele, em atender o desejo da esposa, e que o menino nasceu grandote, com saúde, cresceu e ficou forte, e os pais nunca cumpriram o desejo da Piragui. Descumprindo a promessa, o filho amanheceu mudo como um peixe fogado, morto assim, estatelado. E até hoje, o pai, arrependido que só, corre ali, corre lá, veio aqui e vai acolá, avisando a toda gente que não é bom se descuidar das promessas que com a Piragui se faz.

Mãe d'Água

Sarah Grabe

Quando pequena ouvia meu pai contar histórias da Mãe d'Água, mas eu achava que era só história pra criancinhas, não acreditava que ela existia mesmo. Até acontecer o que aconteceu na cidade onde moro. Se me contassem o que eu vi, não acreditaria nunca. Aqui, sempre foi tudo tranquilo, trabalho na roça durante a semana e missa aos domingos. João era um moço simples de família boa, calado, ninguém dava muita atenção. Ele tinha um pedaço de chão onde não nascia muita coisa e no fundo corria um rio. De um dia pro outro, ele começou a reclamar que tinha alguém roubando melancia no quintal dele. João era moço bravo e dizia que se pegasse o ladrão, ia dar uma surra pra nunca mais esquecer. Então, uma semana depois, João apareceu com uma mulher, a mais linda que já vi. Ela tinha cabelos longos e verdes, e olhos da cor do céu. Eles se casaram de repente. A festa foi grande e todos foram convidados. Era o assunto da cidade.

Algum tempo depois, as terras do João mudaram. As mais belas e gostosas frutas eram da sua roça. Todo mundo ia pedir umas verduras, frutas ou legumes, pois em nenhum lugar elas eram tão gostosas. O casal ficou muito rico, construiu uma casa, tinham muitos animais e a roça dele ficou parecendo uma fazenda. Eles tiveram muitos filhos, então eu fui trabalhar de babá na casa deles. A casa era enorme, um quarto pra cada criança. A patroa era educada e gentil, mas os outros empregados eram estranhos, calados, nunca vi eles na cidade, pareciam que não eram da região. Eles também tinham o cabelo esquisito, lembrava o da patroa. A casa também era diferente, toda azul, havia plantas em todos os cantos e os móveis pareciam de cipó. Ninguém na casa comia carne, só coisa que vinha da terra. Os animais eram criados apenas para dar leite e ficavam livres, sem cerca.

Tudo parecia bem, João estava rico, o casal vivia bem com os filhos, não faltava nada em casa. Mas a patroa começou a reclamar:

- Ah, Maria! Como eu sinto falta da minha casa!
 - Mas, senhora, aqui é a sua casa.
 - Não, minha casa de verdade, meu lar de onde eu vim.
 - E de onde a senhora veio?
- E ela não respondia, só suspirava. Mulher misteriosa aquela...

Com o tempo ela parou de cuidar da casa, dos filhos e do marido. Acho que a saudade era tanta que ela não lembrava de mais nada. Os empregados também não faziam nada e se eu não estava lá, os meninos não tomavam banho. O casal brigava todos os dias na frente de todos. Um dia João disse:

– Não sei por que eu fui mexer com esse povo de baixo d’água! Eu renego de gente de baixo d’água!

Na mesma hora a patroa levantou, saiu de casa e foi caminhando em direção ao rio, cantando:

zão zão zão, Calunga
olha o munguelêdô, Calunga
minha gente toda, Calunga
vamo embora, Calunga

Nesse momento todos os outros empregados da casa foram pro rio e entraram. Não sobrou ninguém! E a patroa cantando:

zão zão zão, Calunga
olha o munguelêdô, Calunga
meus bicho tudo, Calunga
vamo embora, Calunga

Então, todos os animais foram pro rio também. As vacas, as cabras, os cachorros, os gatos... todos. E a patroa continuava cantando:

zão zão zão, Calunga
olha o munguelêdô, Calunga
meus trem tudo, Calunga
vamo embora, Calunga

Tudo o que tinha na terra foi embora, as frutas, as flores, as verduras... na casa também, os móveis, a televisão, a geladeira, tudo. Até a casa levantou e foi em direção ao rio. Depois que tudo já havia entrado na água, a patroa entrou no rio sem olhar pra trás.

Fui embora correndo pra casa, não conseguia acreditar no que eu vi. Então lembrei das histórias que meu pai contava. Ela era mesmo a Mãe d'Água. Não contei pra ninguém, pois iriam achar que eu era louca. João inventou uma história qualquer pro povo, mas só ele e eu sabíamos da verdade. Ele continuou com a roça simples dele, não procurou mais o pessoal do rio e quando eu perguntei se ele tava bem, respondeu:

– Ah, pelo menos ninguém rouba mais minhas melancias.

Criança morre em aldeia

Sarah Grabe

Pai promete criança a Piragui, mas não cumpre

Na manhã de ontem, uma criança amanheceu morta na Lomba do Pinheiro, na zona leste de Porto Alegre (RS). Segundo os moradores da aldeia, Verá, o pai, havia prometido o menino a Piragui, mas não cumpriu com a promessa. Nossa equipe conversou com o pai: “Minha mulher tava com desejo de peixe, eu só queria agradar ela. Ela tava grávida. O que eu podia fazer? A Piragui me ofereceu aquele monte

de peixe, não tinha como recusar.” Mas, segundo uma moradora da aldeia, que não quis se identificar, Verá não contou como conseguiu os peixes. Depois que ele voltou da mata, os peixes foram repartidos entre os moradores, e, quando a criança nasceu, houve uma festa. Entretanto, dois dias depois, a criança morreu. A mãe não quis comentar o ocorrido.

A justiça do homem na justiça da Mãe d'Água

Gustavo Tanus

Não adiantou nada aquele homem, que vivia uma vida modesta, de roçado, semeadura, colheita, buscar justiça, porque ela veio, depois de diversos acontecimentos, bem depois que tudo virou do avesso. Indo atrás do gatuno que, dia após dia, lhe estaria subtraindo umas frutas, a lavoura, tornou com uma esposa, a ladrona da mãe d'água, de predicados diferentes, e diferente no verbo, que deu a ele muita fartura, de um monte de trem, numa porção de bicho, e um tanto de agregado. Mas havia condição para fortuna, que era nunca esconjur a gente dela, o povo de dentro d'água. Desse estado todo, aquele homem não conseguiu manter palavra, porque a esposa, depois que passou a descumprir das tarefas que ele acreditava ser dela, escutou ele praguejando contra suas pessoas, o povo d'água. Daí, ela lembrou da condição, juntou com raiva e liquidou o matrimônio, cantando assim para o patrimônio: *"zão zão zão, Calunga, olha o mungueledô, Calunga, minha gente toda, meus bicho*

todo, meus trem tudo, Calunga". Depois disso, tendo precipitado tudo para dentro d'água, a mulher fez justiça para aquele homem que desejava mantê-la por conhecê-la, descobrindo e prendendo quem era que lhe estava roubando um punhadinho de fruta.

A promessa que não se cumpriu

Sarah Grabe

Para satisfazer o desejo da mulher,
peixe pescado o homem foi buscar
só não imaginava que os peixes tinham acabado
e que, por fim, teria vontade de obrar

O ser mágico veio sua floresta proteger
e Piragui começou a xingar
Como pôde, homem tolo! Não me vê?
Como ousa o meu rio sujar?

Desculpe, minha senhora
não quis te insultar
já vou embora
um peixe para alimentar

minha grávida mulher
que não desejo ver sofrer

E por que não disse antes?
Leve quantos peixes desejar,
mas um aviso dou aos amantes
quando a criança nascer
à Piragui vocês devem entregar
Claro, minha senhora, isto hei de fazer!

Na aldeia todos comeram
dos peixes de Piragui
a mulher e o homem felizes ficaram
por saborear peixe com caqui

Quando a criança nasceu
houve festa e dança
só o homem triste permaneceu
e não ficou na vizinhança
Como irei entregar
meu filho à mulher do rio?

minha mulher poderá até se matar
quando ver o berço vazio

Piragui não gosta de gente
que não cumpre com a promessa
então a criança amanheceu morta

O homem decidiu ir depressa
batendo de porta em porta
contando o caso ao povo decente
O conselho era para sempre cumprir
pacto com a Piragui

Biografia de um, pelo outro

Ana Raposo

Moça a quem não interessa os fins, preocupando-se sempre com as travessias; bastante decidida, faz de suas decisões um flutuar decididamente sobre uma breve indecisão. Misteriosa e dinâmica, estrutura e empreende bem todos os seus planos, fazendo do seu nome composto um primeiro segredo.

Gustavo Tanus

Dizem que o biógrafo consegue contrabalançar os fatos e a ficção. Esta não será a melhor maneira de se viver? Tenho certeza que Gustavo escreve coisas bonitas, diz coisas eloquentes e mantém seu bom humor por viver com um pé na realidade e o outro na ficção.

Sarah Grabe

Moça tímida que não aparenta timidez; ou melhor, moça extrovertida que aparenta ser tímida. Aprendeu as regras e modas do idioma alemão e agora anda contando casos pelas bandas de lá.

Sofia Robin

A essa intercambista gaúcha são naturais modos e um jeitinho de menina. Nas Minas Gerais encantou e contou uma porção de histórias, dentre elas o outro segredo do rio, na história da Piragui.

Informações sobre o CD

A história da Mãe d'Água

Contador: Josiley Souza

O caso da Piragui

Contadora: Sofia Robin

**Publicações Viva Voz de
interesse para a área de estudos da oralidade**

**Histórias de sabidos:
transcrições e transcrições de contos orais**

Sônia Queiroz (Org.)

**Negros pelo Vale
3ª ed. revista e ampliada**

Josiley Souza (Org.)

**Oralidade no Esino
Sugestões de atividades**

Sônia Queiroz (Org.)

A tradição oral

Sônia Queiroz (Org.)

O português falado em Minas Gerais

3ª ed. revisada

Eduardo Tadeu Roque do Amaral (Org.)

Brasilidades que vêm da África

3ª ed. revisada

Sônia Queiroz (Org.)

**Oralidade, literarização
e oralização da literatura**

Jean Derive

**De quibungos e meninos
um apanhado de histórias
de bicho-papão em África e Brasil**

Gleicienne Fernandes

Mariana Pithon (Org.)

Vissungos

Cantos afrodescendentes em Minas Gerais

3ª ed. revista e ampliada

Neide Freitas

Sônia Queiroz (Org.)

Trocando histórias

Priscila Monteiro (Org.)

História do Kotkuhi

Povo Maxakali

Mito e performance

Marcos Antônio Alexandre

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: www.lettras.ufmg.br/vivavoz

Composto em caracteres Verdana e
impresso a *laser* em papel reciclado
75 g/m² (miolo). Acabamento em kraft
420 g/m² (capa) e costura artesanal
com cordão encerado. Acompanha DVD..

V
V V
V V
viva VOZ

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos orientados e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.



